

TRADUÇÕES PORTUGUESAS DE OBRAS LITERÁRIAS NEERLANDESAS

Procurando em recensões, bibliografias, livrarias e ficheiros de bibliotecas traduções e edições portuguesas de autores holandeses ou flamengos, constata-se, com alguma surpresa, que há muito mais do que se supõe. Descobre-se um leque bastante vasto de títulos ligados a teologia, devoção, ecumenismo, história, antropologia, biologia, economia, pedagogia, sociologia, psicologia, política, literatura, livro infantil, livro policial, banda desenhada, jardinagem, columbofilia...

Podia ser muito interessante elaborar, um dia, uma lista exaustiva destas publicações e ver quais as obras que, de acordo com o tradutor, a editora, ou as forças que as promovem, são capazes de ser úteis para Portugal ou, simplesmente, interessar ao público português.

Aqui e agora, queríamos destacar deste panorama as obras «literárias» dos últimos cinquenta anos, editadas na Europa, cingindo-nos às traduções de originais escritos em neerlandês. Assim, abstraímos-nos de obras de holandeses e flamengos escritas em outras línguas, como inglês ou francês, e também de edições brasileiras que, a partir de Portugal, não podemos investigar seriamente. O conceito de «literário» tem evoluído muito nas últimas décadas, alargando-se a áreas antigamente não contempladas — como o livro infantil, que floresce na Europa e nomeadamente em terras neerlandófonas. Ao utilizarmos aqui um conceito mais tradicional, não é por falta de interesse, mas por não estarmos suficientemente familiarizados com estas áreas.

O primeiro livro que figura na nossa lista é o romance comovente de A. Coolen *O bom assassino*, editado em Portugal durante a Segunda Grande Guerra, portanto ainda em vida do autor. A acção situa-se na região do Peel, evocando aldeões e os seus marginais — um tecido humano complexo, feito de mesquinhez, ódio, crueldade, com alguma ternura e bondade pelo meio. Um romance regional com o seu quê de telúrico e universal, muito apreciado por Jean Giono, que escreveu a introdução da versão francesa, e pela tradutora portuguesa, Maria Archer, que considerou uma honra tê-lo traduzido.

Se a nossa lista estiver completa, temos que esperar quase vinte anos por outro romance: *O Inspector* de J. de Hartog. Neste livro, assistimos à tentativa bem sucedida de um polícia holandês que leva, em 1946, clandestinamente, uma jovem judia para a Palestina. Encontramos a vivacidade, a humanidade e a acessibilidade que caracterizam geralmente a obra deste escritor, que é um caso deveras singular. Durante a guerra, já com vários sucessos a nível nacional, fugiu da ocupação alemã e começou a escrever em inglês — sendo, no entanto, muitas

vezes ele próprio o autor da versão neerlandesa, como acontece aqui. J. de Hartog alcançou a Broadway e vários dos seus livros foram transportados para o cinema.

Pouco antes, em 1959, tinha-se dado o primeiro encontro entre Tone Brulin e Rogério Paulo em Lisboa: dois homens de teatro, cujas afinidades humanas, profissionais e ideológicas iam originar um intercâmbio luso-flamengo frutífero. Vemos Rogério Paulo participar na encenação de «O Gebo e a Sombra» de Raul Brandão em Antuérpia (1961) e «As Barcas» na televisão belga neerlandófona (1967). Por seu lado, a companhia flamenga «Toneel Vandaag» participa no I Festival Internacional de Teatro em Lisboa (1964) com a peça «Fazer perguntas a uma criada», e o próprio Rogério Paulo chega a encenar, repetidas vezes, *Os Cães* de Tone Brulin, peça que tem por tema o «apartheid», para cuja tradução portuguesa escreveu um prefácio interessante.

O ano de 1966 distingue-se por três traduções com um denominador comum: romances históricos, biografias romanceadas de três grandes vultos da pintura europeia: Breugel, Rembrandt e El Greco. Os três escritores, um flamengo e dois holandeses, são escritores profissionais conhecidos, com bibliografia extensa. No entanto, não temos dúvidas que os livros foram escolhidos principalmente por causa do assunto tratado. Aliás, a mudança de título do último prova-o plenamente: a referência bíblica a «O Quinto Selo» foi substituída pelo nome do pintor El Greco, seguido do subtítulo «Romance da Espanha da Inquisição».

Pieter Bruegel, assim é que te cheirei nas tuas obras, foi sempre considerada, na sua terra natal, uma obra menor e até um tanto controversa do escritor Felix Timmermans, sendo, todavia, uma das mais traduzidas. Ele foi também pintor e desenhador, ilustrando os seus próprios livros. Tanto na sua arte escrita como na sua arte gráfica apresenta características que o aproximam do artista Breugel. Aliás, foi também ele que proferiu o discurso festivo comemorativo na Kapellekerk em Bruxelas, em 1924. Uma pequena faixa do público português conhece outra obra de Timmermans: «Boerenpsalm» [Salmo rústico], através da adaptação cinematográfica de Roland Verhavert (1989), que foi premiada no festival internacional de Figueira da Foz.

Tal como o anterior, o livro de J. Mens sobre *Rembrandt* tem uma estrutura linear — a mais indicada para explicitar a evolução do homem e do pintor e inserir as suas obras no devido contexto histórico. A sua vida, restringida às cidades de Leida e Amsterdão, tem como pano de fundo o chamado século de ouro da Holanda, aqui evocado com realismo e sem exaltação.

O mais erudito dos três autores é S. Vestdijk, o monstro sagrado das letras neerlandesas. Bem cedo deixou a profissão de médico e, relegando a música para segundo plano, dedicou-se à literatura a tempo inteiro. O romance *El Greco* é o mais maciço dos três aqui mencionados, levando no início duas páginas de personagens, no intuito de conferir à sua densidade maior penetração.

É interessante notar a idade madura destes escritores na altura em que trabalharam nestes livros: Timmermans e Vestdijk na casa dos quarenta, Mens na casa dos cinquenta. É preciso ter-se vivência suficiente para a gente se entranhar na vivência dos outros e a interpretar minimamente.

O homem da cabeça rapada de J. Daisne é também uma biografia ou, mais exacto, uma autobiografia — mas agora de um desconhecido, de um anti-

-herói que, estando numa instituição, relata a sua vida. É a confissão de um homem, sofrendo desde a sua infância de um mal-estar de origem nervosa, que se vai agravando com os anos. Revela-se inseguro, confuso, deprimido, vítima de uma sensibilidade doentia. Dois episódios contrastantes, mas interligados, sobressaem: a festa de fim-de-ano na escola, em tom sentimental, e a descrição muito realista de uma autópsia — embora domine sempre a figura de Fran, a mulher que tem um papel catalizador e que brilha platonicamente na noite deste homem como a Beleza personificada, a perfeição divina. Daisne é um representante notável do realismo mágico.

Depois do 25 de Abril de 1974 abriram-se largamente as portas às literaturas estrangeiras. Entraram *Delícias turcas* de Jan Wolkers e *Max Havelaar* de Multatuli.

O primeiro, acabado de fazer, não teria resistido aos critérios de higiene e bom gosto de António Ferro. Evoca a dolce vita como a entende um jovem escultor boémio de Amsterdão nos anos 60, que vive revoltado contra o «establishment» e o provoca deliberadamente — apesar de viver dele. A sua raiva explode com a perda do objecto da sua paixão, clarificando-se, no entanto, para o fim do romance, tornando-se compaixão e misericórdia. Ainda não identificámos o tradutor, pensamos que o nome que figura na capa é um pseudónimo.

O segundo livro «Max Havelaar», que tem mais de um século, é considerado um clássico da literatura neerlandesa. É interessante comparar a apreciação entusiástica de Ramalho Ortigão, que lhe dedica várias páginas, com o apreço muito mais reservado do tradutor actual. Mudam os tempos, mudam as opiniões.

Em «A Holanda» encontrámos esta alínea, que sintetiza de maneira feliz a nossa obra: «É, exposta sob as aventuras do seu herói Max Havelaar, a autobiografia administrativa do autor, subprefeito em uma das regências do arquipélago javanês. É também a crítica das ideias e dos costumes burgueses da metrópole. É um quadro da vida europeia e da vida indígena da Índia neerlandesa. É ainda um libelo terrível contra o governo holandês e contra a sua política colonial. É enfim, intermitentemente e cumulativamente, uma memória de direito público, um relatório oficial, uma farsa, um dies irae, um idílio, uma blasfémia, uma revolução, um romance e um monumento de arte».

Daniel Augusto Gonçalves, que estabelece um paralelo entre o negociante de café Droogstoppel e o conde de Abranhos de Eça, lamenta que o material holandês tivesse sido utilizado meramente como moldura de uma insípida e às vezes enfadonha narrativa de um vulgar conflito administrativo, e não para um romance em si. Todavia, é de opinião que se lê o livro com proveito. Isso é corroborado pela tradução chinesa recente.

Um caso à parte constitui o *Cancioneiro de Ana-Catarina*, que não foi posto à venda. Consiste em dez poemas de Albe, seleccionados pelo próprio em 1971, juntamente com oito traduções portuguesas. Foram editados em 1977, em Bruxelas, na ocasião do 15.º aniversário de Ana-Catarina, tendo ela feito a ilustração de quatro poemas. Parece ser um assunto de família.

Os dois livros seguintes estão relacionados com a Segunda Guerra Mundial, uma fonte de inspiração inesgotável. O primeiro, do flamengo Louis Paul Boon,

chama-se *A minha pequena guerra*. Pequena, por a observar no seu microcosmos, por olhar para a sociedade de baixo para cima, e por causa da sua própria atitude no meio de tudo isso, como homem e como autor. No entanto, constitui um marco importante na obra de Boon, que, anos mais tarde, chegou a ser um candidato sério ao prémio Nobel.

Enquanto que este livrinho tem a marca da vivência imediata e o autor, desencantado, conclui que «a luta mais dura na vida é a luta contra a amargura», o romance *O Assalto* de Harry Mulisch, terminado em 1982, conduz o protagonista Anton Steenwijk, e através dele o próprio leitor, a uma catarse. A bem construída narrativa começa com o abate de um colaborador holandês pela Resistência, em 1945, o que origina violentas represálias alemãs, e acaba com a grandiosa marcha pela paz em Amsterdão, no ano de 1981. O filme baseado em «O Assalto» ganhou nos E.U.A. o Óscar de 1987 do Melhor Filme Estrangeiro.

Por fim, ainda procurámos uma eventual edição portuguesa de *Sexta-feira* de Hugo Claus, já que figurou no repertório do Seiva Trupe, e também de *Fronteras* de Léon de Winter, livro que originou uma co-produção luso-holandesa, rodada em Portugal. Mas nem um nem outro parece ter sido publicado em português.

Por outro lado, ouvimos a notícia que *Het China van Gaspard* (1989), com que Magda van den Akker ganhou o prémio da melhor estreia literária, está a ser traduzido, obviamente devido à temática portuguesa. Parece estar para breve a publicação de *Mokusei* (1982) de Cees Nooteboom pela editora Quimera, que tem a tradução já pronta. O escritor distinguiu-se na literatura de viagens, com prosa brilhante, utilizando dados das suas estadias no estrangeiro para os seus romances, como acontece neste livro localizado no Japão.

Em matéria de antologias, temos quatro, aliás inconfundíveis.

A primeira, dos anos 60, é a mais geral no espaço e no tempo: um corte transversal da literatura neerlandesa, ou melhor, cortes transversais, já que o autor a explicita por temas, escolhendo: a Morte, a Pátria, Amsterdão, Rembrandt, o Mar, o Camponês, a Liberdade, a Criança — correspondendo cada subtítulo a uma emissão radiofónica. Mesmo nesta apresentação sintética de divulgação, à qual corresponde o título desprezioso de *Excursão*, reconhece-se a competência do mestre que Garnt Stuiveling foi, aliando comunicabilidade à erudição. No título encontramos o erro de tradução habitual: em vez de literatura holandesa devia ser neerlandesa, não só por o autor ter integrado de facto vários escritores da Flandres, mas também porque o adjectivo, usado na tradução, é contrário ao espírito e à atitude próprios deste antigo professor da Universidade de Amsterdam.

Unicamente dedicada à *Literatura Flamenga* a partir do século XIX é a *Antologia* de Fernanda Botelho, que deu conscientemente a preferência a uma ampla panorâmica esquemática, abrangendo um maior número de escritores, em vez de tratamento mais aprofundado de uns poucos. A escritora, que, durante algum tempo, ficou ligada aos serviços de turismo belgas, conhece bem esta área, e na sua própria obra literária aparecem referências flamengas. Lemos com

interesse a conclusão a que chegou: «A expressão literária de um povo vinculado à terra vai revelar-se, através de todas as mutações, fundamentalmente sensuálista, no sentido em que as ideias mais abstractas se forjam e se comunicam através de um registo de percepções, que não creio tenha em qualquer outra literatura um idêntico aproveitamento».

Igualmente ligada ao Ministério de Cultura Neerlandesa da Bélgica está a antologia *De trekvogels achterna. No encaço das aves migradoras*, a única bilingue de entre as quatro. São 21 nomes com 21 poemas, por ordem alfabética, sendo o prefácio uma mera gentileza, que deixa os poemas falar por si. A capa, indubitavelmente inspirada na obra gráfica de M. Escher, condiz com as circunstâncias e as intenções desta missão cultural do outono de 1977.

A última antologia *Um mundo claro, um dia escuro* foca oito poetas holandeses do século XX, sendo eles Bert Schierbeek, Gerrit Kouwenaar, Lucebert, Remco Campert, Hans Favery, Cees Nooteboom, J. Bernlef e Arie van den Berg. Devemo-la a August Willemsen, apoiado por Egito Gonçalves. O primeiro, antigo professor da Universidade de Amsterdam, tem tido um papel de relevo na divulgação da literatura de expressão portuguesa nos Países Baixos e na Flandres mediante boas traduções e comentários apropriados. Aqui aplicam-se os seus dons em sentido inverso. Embora apreciemos muito o seu trabalho, permitimo-nos algumas observações de segunda ordem: na introdução, para enquadrar os oito poetas de sua escolha, «quatro da Geração Cinquenta e quatro que se filiam em vertentes poéticas ulteriores», era suficiente recuar até ao ano de 1880. Dava um resultado mais homogéneo e evitava confundir o leitor atento. Pois este pode perguntar-se se não havia literatura/poesia em neerlandês antes do século XVII, ou situar Antuérpia na Holanda, e pensar que o Sul neerlandófono se separou do Norte em 1830, quando a cisão se deu de facto na 2.ª metade do século XVI, sendo os anos 1815-1830 nada mais do que um interregno, embora com consequências duradouras.

Juntando poesia dispersa dos Países Baixos e do Norte da Bélgica, podia-se editar uma nova colectânea, obviamente heterogénea. Lembro-me neste momento de um poema do crítico de arte Remi de Cnodder (Fl., 1919 —), ligado à interpretação da obra de Rubens por José Guimarães, na tradução de Crespo Fabião; de uma antologia multilingue do poeta Guido Gezelle (Fl., 1830-1899), em que também o idioma português vem representado; do poema escrito por Gerrit Komrij (P.B., 1944 —) «Twee werelden», traduzido nas outras oito línguas oficiais da Comunidade Europeia, quando Amsterdão funcionou como capital cultural da Europa, em 1987; das versões de um poema de Rutger Kopland (P.B., 1934 —) em sete línguas, sendo a portuguesa de Rentes de Carvalho; de vários poemas de Jan Slauerhoff (P.B., 1898-1936), traduzidos por Arie Pos, que os integrou nas suas palestras, em Lisboa e no Porto, acerca das ligações deste escritor com o mundo luso.

Dediquemos agora a nossa atenção a dois «documentos do ego»: o diário, em forma de cartas, de Anne Frank e as cartas de Vincent van Gogh, que formam um diário.

É óbvio que todas as obras literárias revelam de maneira explícita ou implícita, em maior ou menor grau, no conteúdo e na forma, algo do eu. Assim,

o profundo conhecimento da região do Peel e a sua própria religiosidade conferem a «O bom assassino» de Coolen a autenticidade que tem. De forma um pouco crua, a tese de Multatuli no «Max Havelaar» pode ser resumida nas palavras: o Javanês tem sido maltratado e eu também. O Wolkers das «Delícias turcas» é mesmo escultor e revoltou-se contra a rigidez da sua educação protestante. Tone Brulin é um «engagé» que se bateu sempre contra a injustiça e a intolerância, onde quer que elas existam. O protagonista de Daisne compartilha da humildade das personagens dostojewskianas, sendo o autor conhecedor e admirador da literatura russa. Boon ficou definitivamente marcado pelas suas vivências no bairro fabril, em que nasceu...

No entanto, diários e cartas são documentos do eu por excelência e pertencem à literatura propriamente dita, desde que tenham um nível estilístico suficiente. Tanto a adolescente Anne, como o homem van Gogh, escrevem bem. Primeiro, são as diferenças entre os dois que saltam aos olhos, e estas são muitas: época, nacionalidade, descendência, crença, ambiente familiar, educação, sexo, idade, temperamento, vivências... Mas, olhando bem, notamos afinidades essenciais: Ambos vivem em circunstâncias difíceis e precisam de um escape, têm a necessidade de abrir-se sem reserva. Vincent tem o irmão Theo, amigo de sempre; Anne, na exiguidade do esconderijo, tem que imaginar uma amiga, já que a sua irmã Margot está demasiado perto. Os dois são exilados, por necessidade ou por vontade própria, mas estão em relativa sintonia com as terras de adopção, até ao ponto de escreverem na língua. São verdadeiros e francos, não têm preconceitos e não lhes falta humor. Têm um fundo bom e até generoso, mas como são exigentes e obstinados, surgem dificuldades de relacionamento. Ambos têm emoções fortes, acreditam na sua arte, sentem a necessidade e até compulsividade de trabalhar, de criar. Elementos muito óbvios no homem maduro e artista consumado que é van Gogh, mas já bem delineados na debutante Anne.

Anne Frank não podia ter encontrado tradutora mais indicada em Portugal do que Ilse Losa, se atentamos nas suas qualidades literárias, na sua sensibilidade especial para com os jovens, e no facto de ela própria ser de família judaica, e ter fugido da Alemanha nazi. A primeira edição do *Diário* saiu em 1957 e foi-se repetindo ao longo dos anos. Foi também ela que verteu o livro «Spur eines Kindes» de Ernest Schnabel. Aqui o autor alemão juntou os depoimentos de quarenta e duas pessoas que cruzaram o caminho de Anne: primeiro na Alemanha, de onde a família era originária, depois nos Países Baixos, onde tinham que mergulhar na clandestinidade, e depois no campo de Bergen-Belsen, onde morreu. Margarida Losa, enquanto aluna liceal, fez a tradução dos *Contos* de A. Frank. Naquela ocasião organizou-se, a nível nacional, um concurso de desenho para jovens até aos 17 anos, ficando os trabalhos apurados a ilustrar o livro.

Incluímos com bastante reserva as Cartas de van Gogh na nossa lista. Pois, no belo livro de Orlindo Gouveia Pereira *Vincent van Gogh. Palavra e Imagem*, vemos que o pintor usou, fundamentalmente, três línguas: neerlandês, inglês e francês, fazendo incursões pelo alemão, o italiano e o latim. Isso contraria um tanto o nosso critério de redacção original neerlandesa, que adoptámos

desde o início. Na bibliografia deste médico, especialista da obra de van Gogh, vem mencionada uma edição mais antiga das cartas pela editora Aster em Lisboa. O volume deve ser raro, ainda não o folheámos.

Falta-nos agora fazer uma referência a Johan Huizinga, já que as qualidades literárias dos seus ensaios o autorizam. Aliás, oriundo de uma família muito culta, formou-se em filologia e literatura antes de ser professor de história. E, mesmo assim, continuou ligado à vida literária e artística do seu país. Além disso, ele próprio parece ter tido jeito para a música e o desenho. Uma prova eloquente da sua grande sensibilidade: ainda em estudante contribuiu para uma das primeiras exposições da obra de van Gogh — Groningen, 1896 — mas cedo demais, para ter algum impacto!

O primeiro livro de Huizinga editado em Portugal foi «Homo ludens» (1943) — mas em espanhol! Saiu na «Biblioteca conocimiento del hombre», dirigida por José Ortega y Gasset, que depois da guerra civil viveu bastante tempo em Portugal. Só nos anos sessenta aparece a tradução portuguesa *O Declínio da Idade Média*, que teve que esperar uns vinte anos por uma segunda edição. Em 1970 editou-se *Erasmus* em português. Todavia, não há dúvida de que os intelectuais conhecem outras obras do autor: encontrámos mais títulos, em língua estrangeira, nos ficheiros de várias bibliotecas importantes.

De seguida apresentamos uma lista cronológica de traduções portuguesas de obras «literárias» neerlandesas, incluindo só livros por nós manuseados.

- 1943 COOLEN, Antoon [P.B., 1897-1961]
O bom assassino
 Porto, Livraria Tavares Martins, 1943
 Prefácio e tradução de Maria Archer
 Capa e desenho de Manuel Lapa
 [De *goede moordenaar*, 1931]
- 1957 FRANK, Anne [P.B., 1929-1945]
Diário de Anne Frank. De 12 de Junho de 1942 a 1 de Agosto de 1944
 Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
 Prefácio e tradução de Ilse Losa
 Capa de Bernardo Marques
 [Het *Achterhuis*, 1947]
- 1961? FRANK, Anne [P.B., 1929-1945]
Contos
 Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
 Tradução de Margarida Losa
 Ilustrações: Vários
 Capa de Infante do Carmo com desenho de Miguel Flávio
 [Verhalen rondom het *achterhuis*, 1960]
- 1962? STUIVELING, Garnt [P.B., 1907-1985]
Excursão através da literatura holandêsa
 Holanda, Hilversum, Radio Wereldomroep, s.d.
 Tradução de Carlos Cotrim, com o auxílio de Henny Schendel e Zélia Couto

- 1962 HARTOG, Jan de [P.B., 1914 —]
O Inspector
 Lisboa, Ed. Estúdios Cor, s.d. (impr.: 1962)
 Tradução de Alfredo Margarido
 Capa segundo fotografia do filme
 [*The Inspector*, 1961 / *De Inspecteur*, 1961]
- 1964 BRULIN, Tone [Ps. de Antoon Van den Eynde, Fl., 1926 —]
Os cães. Peça em 3 actos
 Lisboa, Prelo, 1964
 Prefácio de Rogério Paulo
 Tradução de Tereza Paulo
 Capa de Miguel Flávio
 [*De honden*, 1960]
- 1966 TIMMERMANS, Felix [Fl., 1886-1947]
Pieter Bruegel
 Lisboa, Ulisseia, s.d. (impr.: 1966)
 Tradução de Afonso Cautela
 Capa de Espiga Pinto
 [*Pieter Bruegel, zoo heb ik u uit uwe werken geroken*, 1928]
- 1966 VESTDIJK, Simon [P.B., 1898-1971]
El Greco. Romance da Espanha da Inquisição
 Lisboa, Ulisseia, s.d. (impr.: 1966)
 Tradução de Manuel Mendes
 Capa de Espiga Pinto
 [*Het Vijfde Zegel*, 1937]
- 1966 MENS, Jan [P.B., 1897-1967]
Rembrandt
 Lisboa, Ulisseia, s.d. (impr.: 1966)
 Tradução de José Luís Luna
 Capa de Espiga Pinto
 [*Meester Rembrandt*, 1946]
- 1970 HUIZINGA, Johan [P.B., 1872-1945]
Erasmus
 Lisboa, Portugália, s.d. (impr.: 1970)
 Tradução de José Luís Borges Coelho
 Capa de João da Câmara Leme
 [*Erasmus*, 1924]
- 1971 DAISNE, Johan [Fl., 1912-1978]
O homem da cabeça rapada. Romance.
 Publicações Europa — América, s.d. (impr.: 1971)
 Tradução de Pedro Bom, [ps. de António Barahona Fonseca]
 Capa: Estúdios P.E.A.
 [*De man die zijn haar kort liet knippen*, 1948]
- 1972 *Antologia da Literatura Flamenga*
 Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. (copyright: 1972)
 Apresentação, Seleção e Tradução de Fernanda Botelho
 Capa de José Cândido

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

- 1976 WOLKERS, Jan [P.B., 1925 —]
Delicias turcas
 Lisboa, Casa Portuguesa, 1976
 Tradução de Ju Craveiro
 Versão cinematográfica
 [Turks Fruit, 1969]
- 1976 MULTATULI [ps. de Eduard Douwes Dekker, P.B., 1820-1887]
Max Havelaar ou os leilões de café da companhia holandesa de comércio
 Livraria Civilização Editora, s.d. (impr.: 1976)
 Introdução e tradução de Daniel Augusto Gonçalves
 [Max Havelaar of de koffieveilingen der Nederlandse Handelmaatschappij,
 1860]
- 1977 ALBE [ps. de Renaat Antoon Joostens, Fl., 1902-1973]
Cancioneiro de Ana-Catarina
 Edição bilingue.
 Traduções de David Mourão-Ferreira, L. F. R. e Natércia Freire
 Brussel, 1977
- 1977 *De trekvogels achterna. No encaço das aves migradoras*
 Vlaamse gedichten in het Portugees vertaald
 Antologia de poemas flamengos em português
 Oudenaarde, Sanderus, a pedido de Sabena, 1977
 Tradução de Maria Fialho
 Capa de Marc Vandecruys
- 1979 BOON, Louis Paul [Fl., 1912-1979]
A minha pequena guerra
 Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1979
 Tradução de Júlio Marten Willem de Jong
 Capa de Fernando Felgueiras
 [Mijn kleine oorlog, 1946]
- 1985 HUIZINGA, Johan [P.B., 1872-1945]
O Declínio da Idade Média
 Editora Ulisseia, 1985, segunda edição (1.ª: 1962?)
 Tradução de Augusto Abelaira
 Capa de José Antunes
 [Herfsttij der Middeleeuwen, 1919; The Waning of the Middle Ages, 1924]
- 1988 *Um mundo claro, um dia escuro*
 Porto, Limiar, 1988
 Selecção e introdução de August Willemsen
 Tradução de August Willemsen e Egito Gonçalves
 Desenho de Lucebert; Capa de Armando Alves
- 1988 MULISCH, Harry [P.B., 1927 —]
O Assalto
 Lisboa, Caminho, 1988
 Tradução de Maria Alice Vila Fabião
 Capa de Lúgia Pinto, sobre foto cedida por Filmes Lusomundo
 [De Aanslag, 1982]

1990 GOGH, Vincent van [P.B., 1853-1890]

Palavra e imagem

Edições INAPA, 1990

Coordenação, investigação e notas: Orlindo Gouveia Pereira

Tradução das cartas: Maria João Raposo de Magalhães e Orlindo Gouveia Pereira

Projecto gráfico: Luís Miguel Castro

A nossa pequena investigação confirmou o que pensámos logo no início: a literatura neerlandesa é fundamentalmente desconhecida em Portugal. As traduções são poucas e, ainda por cima, ecléticas e esporádicas. Não há constantes: nem a nível de autores, nem a nível de tradutores, nem a nível de editoras. Encontrámos mais prosa narrativa do que poesia e mais poesia do que teatro. De um modo geral, as obras já eram internacionalmente conhecidas antes de serem traduzidas para português e muitas tinham sido filmadas.

A maior parte das vezes trata-se de traduções indirectas: abstraindo o caso de Anne Frank (a partir do alemão), foram traduzidas a partir do inglês e do francês — até ao ponto de, umas vezes, o título da tradução usada vir a ser mencionado como sendo o original. Isso deve ter acontecido com outras literaturas em Portugal, mas também com várias literaturas em outros países da Europa. Mesmo agora, Paris e Londres continuam a dar o tom e uma tradução francesa ou inglesa desencadeia muitas vezes traduções para outras línguas. Simplesmente, hoje em dia, as traduções literárias de segunda mão já não têm aceitação. Mas são raríssimos os portugueses capazes de fazer uma boa tradução directa, pois falta o conhecimento da língua neerlandesa.

Mesmo em termos de ficção, a escolha foi mais do que uma vez motivada por razões extra-literárias. Notámos que o elemento masculino domina na nossa lista: a única escritora é a jovem Anne Frank! Felizmente, distinguem-se várias mulheres do lado da tradução, como Maria Archer, Ilse Losa, Fernanda Botelho e Maria Alice Vila Fabião.

Afinal, chegámos à conclusão que o único autor de expressão neerlandesa cuja obra chegou a constituir uma referência literária em Portugal deve ter sido Hendrik Conscience (1812-1883), com nove títulos e a honra invulgar de três traduções diferentes do seu romance «Het ijzeren graf» [A sepultura de ferro]. Mas à geração actual o seu nome já não diz nada. (Veja-se o nosso contributo nesta mesma Revista, no número de 1984).

Os autores da lista acima mencionada que podem contar com edições futuras não estão ligados à ficção: Anne Frank, Vincent van Gogh e Johan Huizinga.

As escritas dos primeiros deram origem a filmes, peças de teatro, programas televisivos, exposições, músicas (cantata, ópera), bailado — até chegaram a inspirar outros autores. Mas o facto de os seus verdadeiros documentos do ego não serem escritos para publicação gerou os problemas do costume: reticências da parte dos familiares a publicar tudo, problema agravado no caso das cartas, por alguma dispersão ou até perda de exemplares.

Nenhum amador sério da arte de van Gogh — para não falar no estudioso — pode dispensar as suas cartas. Existe uma autêntica simbiose entre a

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

escrita e a obra gráfica, como nos prova *Palavra e imagem*. Orlindo Gouveia Pereira sonha com a publicação completa das Cartas em português.

O pai de Anne Frank, o único sobrevivente da família, omitiu, na primeira publicação, vários passos que julgou demasiado íntimos ou controversos. Em 1986, saiu o *Diário* quase completo: parece que alguns nomes ainda foram substituídos por iniciais arbitrárias, e que a viúva do senhor Frank — depois da guerra ele voltou a casar — insistiu na omissão de umas trinta linhas. Desde 1989 a nova versão está disponível em francês.

Quanto a Huizinga: já tinha fama em vida, mas o auge da recepção situa-se nos anos que sucederam à Segunda Grande Guerra. No entanto, a seguir abrandou: criticou-se a sua atitude «estetizante», pois o interesse dos historiadores incidiu sempre mais nas vertentes económicas e sociais. Agora, devido à perestroica, por um lado, e à procura renovada da entidade cultural de povos e continentes, por outro, reaviva-se o interesse pela obra de Huizinga. Algum tempo atrás, li a notícia de que uma tradução russa de *O outono da Idade Média*, por Dimitri Silvestrov, ia ser publicada na série «Monumentos da História das Ideias» da Academia de Ciências da União Soviética. Parece que o historiador Aleksandr Michajlov escreveu um ensaio para acompanhar a edição.

Maio de 1991.

Roza Huylebrouck